

Antonio S. Figueira Filho (1946–2015)

Alfredo Carlos S. D. Barros¹



Um jovem médico formou-se em 1971 na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Oriundo de família de médicos importantes, pai e tio foram professores titulares e o pai reitor da Universidade, prosseguiu fazendo Cirurgia Geral no Hospital de Ipanema, no Rio de Janeiro (Serviço do Prof. José Hilário, ícone da cirurgia na época).

Na Residência encantou-se com as cirurgias mamárias e chegou a organizar um curso sobre câncer de mama durante uma jornada médica do hospital.

Concluída a Residência decidiu se especializar na área das doenças das mamas; uma novidade e um desafio, não existia a especialidade de Mastologia e o assunto era considerado de menor importância, apenas uma parte da Ginecologia. Achavam que não se justificavam estudos aprofundados e não existiria demanda de pacientes para um especialista.

O jovem médico era Antônio Figueira, um visionário. Concebera uma especialidade médica abrangente para tratar as doenças mamárias, com conhecimentos e habilidades multidisciplinares específicas, muito além do necessário para uma simples mastectomia. Não havia nenhum programa de treinamento assim, em nenhum lugar.

Por iniciativa pessoal idealizou seu próprio programa de treinamento. Primeiro estagiou na Clínica Ginecológica do Hospital de Ipanema, pois julgava necessário compreender endocrinologia ginecológica e, depois, na Clínica Ivo Pitanguy, para adquirir bases de cirurgia estética e reparadora.

¹Núcleo de Mastologia do Hospital Sírio Libanês – São Paulo (SP), Brasil. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo (SP), Brasil.

Ambicioso e obstinado, com desejo de aprender e de se aprimorar, no final de 1974 partiu para a Inglaterra. Primeiro cursou o mestrado e defendeu tese em Oxford, com o título de *“A long term study of the clinical and histological changes in benign mammary dysplasia”*. Foi orientado por E. Lee, e frequentou laboratório de Anatomia Patológica.

A seguir, após conhecer J. Hayward, chefe da Unidade de Mama do Guy’s Hospital de Londres, o primeiro médico inglês a se dedicar de tempo integral à clínica e cirurgia da mama, foi aceito como cirurgião senior da Unidade. Lá passou a aplicar recursos de Cirurgia Plástica integrada à Oncologia Mamária. Estagiou também com o famoso P. Forrest, em Edimburgo e com o radiologista H. Gravelle, em Cardiff. Frequentou os hospitais Royal Marsden e King’s College.

Depois do Reino Unido foi para os Estados Unidos. Novos estágios: com J. Urban, cirurgia, no Memorial, e com E. Montague, radioterapia, no M. D. Anderson. Interessado cada vez mais em cirurgia oncológica conheceu e observou a técnica de J. Bostwick, em Atlanta, e de R. Snyderman, em New Jersey.

Ao retornar em 1978, como professor auxiliar de Cirurgia da faculdade onde se formou, criou a Unidade de Patologia Mamária, começando a exercer e a ensinar a Mastologia como imaginara.

Inaugurou em 1979 uma clínica particular sofisticada, destinada à nova especialidade, o Instituto da Mama. Foi um dos primeiros médicos brasileiros a atender exclusivamente doenças da mama (o outro foi Franco Montoro). Logrou grande sucesso, acolhendo pacientes de todo o Nordeste. Teve inúmeros assistentes, competentes e fiéis, destacando-se nos últimos tempos João Esberard e Ana Leide.

Exercia a profissão em sua plenitude: era excelente cirurgião, laudava mamografias, administrava quimioterapia, realizava reconstrução mamária; ensinava e pesquisava. Recebeu *fellows* do Brasil inteiro e de outros países, que se tornaram seus discípulos e que formaram a Associação de Ex-alunos do Prof. Antônio Figueira.

Editou vários livros. Publicou dezenas de artigos. Ministrou aulas e palestras em mais de 20 países. Defendeu tese de doutorado sob o título de *“Mastectomy radical modificada com reconstrução imediata através de uma incisão de mastoplastia redutora.”* Era técnica original sua, avançada para o momento, uma variante da atual mastectomia preservadora de pele, que não deixava cicatrizes estigmatizantes.

Em 1986, na sua escola, instituiu a primeira disciplina de Mastologia do Brasil e do Mundo, onde veio a atuar até falecer, sendo que, ao final, exercia além da função de professor, o honroso cargo de Diretor da faculdade. A criação desta disciplina teve repercussão internacional, a ponto de seu fundador ter sido citado por Umberto Veronesi, na conferência de encerramento do IV Congresso Europeu sobre Câncer de Mama, como o primeiro professor universitário de Mastologia no mundo.

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), fundou a Revista Brasileira de Mastologia — que este ano completa 25 anos —, foi um dos organizadores da Escola Brasileira de Mastologia e da Federação Latinoamericana de Mastologia (FLAM). Atento ao papel do voluntariado inaugurou a Associação dos Amigos do Peito de Recife. Presidiu a Sociedade Internacional de Senologia (SIS) e foi o único a presidir dois congressos mundiais desta sociedade, inclusive aquele considerado o maior de todos, em 1994, no Rio de Janeiro.

Líder nato, carismático e guerreiro. A ele a Mastologia brasileira muito deve. Por mais de vinte anos envolveu-se nos trabalhos associativos para reconhecimento da especialidade junto ao Conselho Federal de Medicina, da criação da Residência Médica e da nossa conquista definitiva como especialidade autônoma no país. Napoleão Bonaparte dizia que a vitória não pertence necessariamente aos mais fortes, mas, sim, aos que a perseguem por mais tempo. Os novos mastologistas, que às vezes parecem acreditar que tudo caiu do céu, precisam tomar conhecimento e reconhecer esta árdua e longa história de lutas e de vitórias, liderada por uma série de mastologistas hoje veteranos ou falecidos.

Também era alegre e brincalhão. Carinhoso e generoso com suas pacientes, sempre atendeu e operou carentes nos hospitais onde trabalhou.

Foi marido apaixonado, pai exemplar e avô dedicado.

Tinha grande prestígio. Na emocionante e concorrida cerimônia de seu funeral, colegas médicos, estudantes, pacientes, gente humilde, pessoas da alta sociedade, políticos e autoridades tornaram repleto o ambiente. Uma missa foi celebrada pelo arcebispo do Recife, com a participação do governador do estado. Presentes, Ruffo, nosso presidente e eu.

Fomos amigos por mais de 25 anos. Nós nos considerávamos como irmãos. Nutríamos forte e desinteressado bem querer, que se estendeu às nossas famílias. Eu fazia parte do que ele chamava de *dream team*, com Ribeiro, Luna, Henrique, Ezio e ele, sob a batuta do Prof. Pinotti.

Por fim, para homenageá-lo, cito verso de B. Brecht: “*Não basta ter sido bom quando deixar o mundo; é preciso deixar um mundo melhor*”.

Quem conviveu com Figueira sabe que ele procurou e construiu um mundo melhor ao seu redor, sobretudo para as doentes com câncer de mama, e um caminho mais fácil para os jovens médicos de hoje, com a mesma vocação que ele teve um dia. Deixou uma legião de pessoas que lhe são gratas, e muitos, muitos mesmo, amigos e admiradores.

Tota, que saudade.

Obrigado. Adeus.